

COLEÇÃO COLABORATIVA MODATIVISMO

CAROL
BARRETO



A todes que de alguma forma
contribuíram para a construção
deste livro. Em especial a José Muniz
Barreto e Honorinda Gomes Barreto,
meus avós maternos, pela dedicação
e axé doados para encantar todo
o projeto Modativismo.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

CAROL BARRETO
{AUTORA E ORGANIZADORA}

Barreto, Carol

Coleção colaborativa modativismo : uma experiência de ensino-aprendizagem em moda afro-brasileira / Carol Barreto; [textos] Carla Calixto, David Santos. -- 1. ed. -- Salvador, BA: Caroline Barreto, 2021.

ISBN 978-65-00-23723-8

1. Artes 2. Cultura afro-brasileira 3. Moda - África I. Calixto, Carla.
II. Santos, David. III. Título.

21-67097

CDD-391.0096

COLEÇÃO COLABORATIVA MODATIVISMO:
uma experiência de ensino-aprendizagem
em moda afro-brasileira

Índices para catálogo sistemático:

1. África : Moda 391.0096

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Salvador

Bahia

2021

01 Agradecimentos
p. 01

02 Introdução
por David Santos
p. 06

03 “Vou comprar um metro de fazenda!”:
As relações de lutas,
resistências e memórias
das mulheres com os
têxteis artesanais.
por Carla Calixto
p. 08

04 O que é ModAtivismo?
por Carol Barreto
p. 13

05 Modativismo:
atos e gestos para
a *transafrocriação*
por Juci Reis
p. 20

06 Coleção Colaborativa:
Metodologia aplicada
p. 23

07 Referências
Bibliográficas
p. 58

08 Sobre
Carol Barreto
p. 59

INTRODUÇÃO

POR DAVID
SANTOS

O Curso de Criação em Moda Afrobrasileira para a coleção colaborativa Modativismo, com a coordenação da Designer de Moda Autoral e Professora do Departamento de Estudos de Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia, Carol Barreto, ocorreu no período de 02 a 11 de março de 2021, realizado de forma virtual, com carga horária de 17h, distribuídas em aulas síncronas e encontros de mentoria individual.

O projeto visou promover ações formativas gratuitas, cujos temas estão relacionados com moda, raça, gênero e suas interseccionalidades. Tendo como público-alvo mulheres negras residentes em Salvador - BA, artistas do campo do design de moda. O projeto tem na sua construção o acolhimento social e educativo para mulheres negras e, nesta edição, as selecionadas garantiram o direito a uma bolsa auxílio no valor de R\$200 reais para a compra de material técnico e o acesso a internet.

A coleção colaborativa Modativismo, tem a sua estrutura metodológica centrada na relação de aprendizagem orgânica, com compartilhamento de saberes e fazeres, potencializando processos criativos decoloniais para a construção de peças em processos colaborativos. Com inspiração voltada para a Coleção Asè (2016), as estudantes foram orientadas a criar seus produtos a partir de têxteis artesanais e materiais diversos, coletados em suas próprias casas, dentre estes materiais de decoração feitos em renda *filet*, bordados richelieu, *crochet* e etc, fazeres artesanais característicos de mulheres negras e pobres, que foram reinterpretados para construção das peças de roupa.

Este livro documental tem na sua autoria 24 pessoas negras oriundas de Salvador-Ba, e travessias entre Santo Amaro e Santo Antônio de Jesus. Versa sobre moda, e é elaborado com base na discussão sobre aspectos da economia criativa, processos criativos decoloniais, práticas feministas e antirracistas, na produção de acervos artísticos feitos por mulheres negras. Empreendeu-se uma postura ativista, ao diagnosticar o campo da criação como uma esfera de identificação muito importante para a população negra e, hoje, cada vez mais compreendemos este, como um espaço de transformação e ratificação dos nossos modos de sobrevivência e de bem viver.

“Vou comprar um metro de fazenda!”: As relações de lutas, resistências e memórias das mulheres com os têxteis artesanais

POR CARLA
CALIXTO

Me lembro ainda criança de escutar a minha avó América, mulher preta, criativa e costureira de mão cheia, falando com suas irmãs, filhas e netas que iria comprar alguns metros de fazenda para confeccionar roupas e com as sobras faria colchas de retalhos para nos presentear. Mesmo sabendo que existia a fazenda (espaço grande e rural destinada à lavoura ou à criação de gado), na hora quase que intuitivamente, por algo que me foi ensinado desde cedo, entendia que a fazenda a qual ela se referia, era o tecido. Os anos se passaram, eu cresci, até que um belo dia me questionei sobre o termo “fazenda”. Comecei a me perguntar de onde ele tinha vindo e, por qual motivo era tão usado no vocabulário das mulheres mais velhas (anciãs)? Em busca de desvendar o mistério da “fazenda”, encontrei no dicionário um dos significados onde constava que, a palavra poderia ser empregada para classificar um pano ou tecido

de linho, algodão, lã, etc. Ainda diante desse levantamento, minha mente permanecia sem uma explicação clara e apresentava o seguinte questionamento: será que o termo fazenda era correlacionado ao tecido e fazia ligação direta com o período de colonização e a dominante relação patriarcal de poder e posse perante os seus bens (objetos e pessoas escravizadas)? E é essa recordação e questionamento que me levam a discorrer brevemente sobre as relações dos têxteis artesanais, memórias e mulheres.

Quando pensarmos nos primeiros têxteis artesanais brasileiros é importante entendermos que são poucos os documentos onde podemos encontrar de fato, indícios detalhados da inserção do fazer têxtil artesanal no Brasil, durante a colonização, especificando as tipologias – técnicas, famílias e tipos, existentes nesse período, porém sabemos que os povos indígenas originários já desenvolviam (antes da tomada de terra pela invasão européia) construções têxteis como as cestarias e utilitários, por meio do traçado feito com fibras vegetais, sendo essa habilidade “facilitadora” – para a atividade imposta pelo colonizadores – da introdução da tecelagem no Brasil colonial, (conceitos e práticas trazidas pela civilização europeia portuguesa). Os povos originários manipulavam o algodão e produziam, cordas, barbantes, trançados de cestas, peneiras, abanos, redes, tipoias e faixas. As mulheres eram sublimes construtoras de redes.

Inicialmente foram os povos indígenas que receberam os ensinamentos técnicos da tecelagem, o que logo após foi direcionado aos povos africanos escravizados. As primeiras indústrias eram caseiras e os fios eram importados de Portugal, tempos depois, tanto os povos indígenas quanto os povos africanos, passaram a realizar todas as tarefas dentro do ciclo produtivo da tecelagem: plantando, colhendo, cardando, fiando, tingindo, enovelando e tecendo. Quando alguns membros dos povos escravizados fugiam, praticavam a atividade da tecelagem nos esconderijos (quilombos).

O ato de tecer estava acontecendo a todo vapor nesse momento da história, porém, talvez por medo de uma concorrência com a Europa ou do crescimento do Brasil nesse setor, D. Maria I decide promulgar um decreto no século XVIII proibindo a fabricação de tecidos luxuosos no Brasil, sendo muitas tecelagens incendiadas. A partir desse momento a fabricação existente deveria atender a produção de panos grossos, para a confecção de roupas dos escravizados e sacarias destinadas às embalagens de grãos. Nessa parte da história, imagino o quanto o Brasil poderia ter crescido, se isso não ocorresse. O que nos faz pensar sobre o tecer após esse acontecimento, se torna também um ato de resistência, pois o conhecimento dado se mostrou perigoso e necessitou ser dissipado, arrancado, tirado e esquecido, nos fazendo refletir sobre quantas e quantas técnicas ao longo da história não devem ter passado por isso, sendo apagadas.

As mulheres brancas da elite, pertencentes à sociedade escravista, além de serem educadas para demonstrarem delicadeza, pureza, submissão e serem excelentes senhoras donas de casa (administradoras das tarefas domésticas desempenhadas por mulheres escravizadas), deveriam passar seu tempo exercendo com maestria trabalhos manuais envolvendo produções de bordados, rendas (que inicialmente foram introduzidas no Brasil, já confeccionadas e importadas de outros países) entre outras técnicas têxteis manuais. Essas senhoras da sociedade que tinham acesso ao conhecimento (estudando e aprendendo a técnica), por não conseguirem desenvolver uma produção que atendesse às suas necessidades, ensinavam as mulheres dos seus povoados as técnicas manuais em troca da realização de encomendas que atendessem a seus caprichosos desejos ornamentais, para compor vestidos, acessórios ou peças utilitárias. Muitas vezes essas construções têxteis artesanais, eram tarefas desempenhadas pelas suas mucamas, acontecendo desse modo a transferência do saber. Aí nesse ponto, pensamos em quem de fato recebia o reconhecimento dos trabalhos realizados, se eram as senhoras que esbanjavam lindas peças têxteis ou as mulheres dos povoados e as mulheres escravizadas que deveriam ficar por dias a fio, produzindo.

Aqui começamos a notar a importância da transferência de conhecimento ao longo da história e do reconhecimento atual das mulheres pretas que perpetuaram esses saberes e reinterpretaram esse fazer, ecoando a sua voz na construção e reconstrução significativa dos tramados têxteis.

Muitas outras técnicas são agentes da história de resistência, expressão de interseccionalidade vivenciadas na memória de mulheres pretas que assim como minha avó, ressignificaram as suas fazendas – gerando elementos simbólicos de extrema importância. Lutando contra os preconceitos presentes, além da estrutura, raça, gênero e classe, também presentes, dentro de uma hierarquia impositiva pela hegemonia, onde determinadas tipologias possuem status de maior ou menor importância, como é o caso do fuxico e da colcha de retalho, peças de extrema resistência, confeccionadas por mulheres que a cada pedaço inserido e reaproveitado recontam suas histórias.

Saúdo minha avó e as mulheres que vieram antes de mim e que construíram caminhos, escreveram suas histórias, suas lutas por meio do fazer têxtil artesanal, para que hoje eu esteja aqui tecendo e costurando a minha colcha de narrativas e preparando contribuições para as que virão.

O QUE É MODATIVISMO?

POR CAROL
BARRETO

Ativismo é uma postura crítica, materializada em ações individuais e coletivas, que visam a mudança do curso de vida de uma comunidade ou grupo. Por meio do trabalho de criação de objetos vestíveis e imagens que centralizam a moda e a aparência como esfera de debate político e produção discursiva, reivindico por definir a minha própria narrativa e elaborar modos de produção de conhecimento que pesem, na mesma medida, tanto a produção da intelectualidade mental, quanto os produtos da intelectualidade manual e com isso, busco materializar posturas ativistas.

Desde muito nova, interessada por moda, já vivia o incômodo de desejar acessar um campo de criação que me excluía, inferiorizava, e por vezes até me objetificava, uma vez que, desde muito cedo tive a consciência de quem sou: mulher negra e nordestina, integrante de um grupo

de pessoas humanas que historicamente foi significado como subalterno e abjeto. A partir dessa consciência crítica, me tornei autodidata para me formar *designer* de moda e comecei a experimentar metodologias diferentes daquelas que aprendi nessa área de estudo. Por conta de uma demanda imposta pelo caráter inovador do meu perfil de trabalho como artista, fui impelida/imbuída a criar os conceitos e os métodos de ensino-aprendizagem intitulado como Modativismo.

Como um aporte teórico-metodológico, o Modativismo parte sobretudo, de uma postura política, que abarca modos decoloniais de encadeamento entre formas de pensamento e ação, resultantes de processos criativos e produtivos respeitáveis à diversidade cultural brasileira e, por consequência, horizontais. Uma proposta que ampara processos de produção intelectual que resultam em criações, processos de fruição e construção de produtos, valorados não apenas pela sua materialidade, mas pelo legado imaterial que o sustenta e, conseqüentemente, pelo potencial de transformação social que aciona.

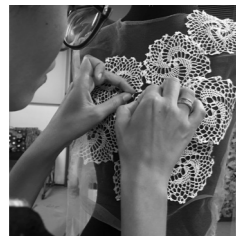
Diante disso, quando criamos o projeto do Curso de Criação em Moda Afrobrasileira, definimos nosso percurso de construção com base nas referências da nossa ancestralidade, no senso de coletividade que emerge das comunidades tradicionais afrobrasileiras e, conseqüentemente,

sob a perspectiva da construção processual de uma obra conjunta, cuja autoria individual está organicamente conectada com o grupo. Para tanto, todos os processos criativos e construtivos delinearam trilhas autorais e auto-reflexivas afins, a ponto de se conectarem com o todo e assim, dialogarem com a análise do contexto político-cultural onde estavam inseridos, traçando a partir desse reconhecimento situacional, caminhos de retorno às nossas origens; para que desde o reconhecimento de uma história de negritude que foi estratégica e violentamente apagada, pudéssemos referendar o legado das mulheres negras que nos antecederam, especialmente das nossas familiares de nascimento ou de renascimento.

A partir daqui, a criação nasce da assunção do incômodo e do desafio do que é ser mulher negra no Brasil. Num percurso de ode à nossa origem, criei os diversos trabalhos apresentados em passarelas e galerias de arte nacionais e internacionais, produzidas coletivamente pelas diversas pessoas que integram a equipe do projeto ModAtivismo desde o ano de 2013. Com os seguidos laboratórios criativos de moda e projetos de criação de figurino, construimos interlocuções diretas em atelier, com mais de 50 mulheres de diversas origens, e dentre os exitosos resultados, destaco o processo de construção da Coleção Asè, criada em 2016 a convite do Angola International Fashion Show em Luanda - Angola e Adama Paris Fashion Agency - Senegal.

“A Coleção Asè nasce com inspiração nas marcas da afrobrasilidade, sob o impacto do retorno à terra de onde saíram nossos ancestrais. O ponto de partida é o imaginário alimentado durante décadas, por meio da oralidade, de rituais religiosos e culturais, por descendentes de pessoas africanas escravizadas no Brasil, de retorno à nossa terra original. Asè fala sobre o protagonismo das mulheres negras nas religiões de matriz africana, por meio da releitura de fazeres artesanais característicos de mulheres negras e pobres, que são reinterpretados para construção das peças, transitando desde a intimidade do lar para o aspecto simbólico hierárquico da passarela e da fotografia, que ainda separa e une mulheres de diversos contextos e tempos históricos diferentes. Na leveza da espiritualidade, transformando a luta em força, Asè emana luz, energia vital e beleza!”

ACERVO FOTOGRAFICO
Processo de criação coleção Asè. Acervo pessoal, 2016.



ACERVO FOTOGRAFICO

Coleção Asè por Carol Barreto, Fotógrafa: Helen Salomão.
Modelos: Anita Costa, Carla Akotirene e Luma Nascimento.
Ano: 2016

É com base no conceito da Coleção Asè e nas experiências dos trânsitos e seus redesenhos localizados e coletivos, adaptados em exposições e performances, que nasce a proposta da Coleção Colaborativa Modativismo. Depois da fase de aulas teóricas, construção de repertório imagético-cultural, estudo de metodologia de *design* e etapa de planejamento com orientações individuais, as 18 mulheres selecionadas para integrar a turma, partiram para o retorno às suas memórias afetivas familiares, resgataram peças e materiais antigos que, valorados pela importância da história que ajudam a narrar, se tornaram elegíveis matérias-prima para criação.

Assim como no desenvolvimento da Coleção Asè, orientei as criativas que coletassem em suas casas, objetos usuais e utilitários como cortinas, toalhas de mesa, panos de prato, dentre outros materiais já disponíveis no cotidiano, que lhes trouxessem o desafio do redesenho para uma criação sob a perspectiva da sustentabilidade socioambiental, no sentido de reiterar o propósito de práticas ativistas feministas e antirracistas, de modo a problematizar o binarismo assimétrico que caracteriza a ocupação das posições de poder dentre os espaços públicos e privados, com base no gênero, raça, orientação afetivo-sexual e suas interseccionalidades.

A coleção, apresentada neste livro, é resultante, antes de tudo, de um genuíno encontro e confluência entre mulheres pretas, conscientes das suas diferenças e identificações, jamais compreendidas como grupo homogêneo e sempre como corpo de luta coletiva que considera a importância de construir relações desde o espírito e o coração. Minha experiência como professora orientadora foi de um aprendizado especial, sobretudo no que tange à potência de compartilhar os nossos propósitos de transformação social para o enfrentamento às desigualdades, especialmente por meio da criação artística que nos traz possibilidades de elaborar as estratégias de re-existência que partem do intento de transformar as nossas dores em beleza.



ACERVO FOTOGRAFICO
Processo de criação coleção Asè. Acervo pessoal, 2016.

Modativismo: Atos e gestos para a transafrocriação

POR JUCI
REIS

Pulso, respiro e coso, nasce a outra pele que cobre minhas marcas. Revestida, danço de olhos fechados. Os atos e gestos se inter cruzam como um circuito orgânico conectado a energia da transafrocriação. Trans como prefixo para significar a relação de experiência conectada a um elemento que vai “através” das vivências e se faz presente, independente da relação imperativa das metodologias da arte ou da inventividade, buscando um sentido próprio para manifestar as representações artísticas, especialmente constituídas por mulheres negras, em seus ambientes de resistência.

Pensar que a moda afro-brasileira se transmuta nas vivências, é reconhecer sua condição poética-política para a reconstrução de identidades diante da institucionalidade hegemônica, e também como uma *extensão artista*, que dimensiona as experiências de

criação através de atos políticos, como o exemplo das coleções colaborativas feitas exclusivamente por mulheres negras, que se configuram como ações potentes para ampliar a capacidade inventiva e abrir expectativas para estabelecer outras formas de pensar a moda.

A história da indumentária afro-brasileira pode nos ajudar a entender a conexão que existe entre identidade e resistência negra, se tornando uma espécie de junção de arte, gênero, raça e política, que se contextualiza, buscando resistir e pertencer. De tal modo, se a extensão artista da moda negra amplia a compreensão do conceito de vestuário, de objeto utilitário sem mérito artístico, para um objeto *trans-existencial*, podemos entender a magnitude da experiência *modArtivista* como um vetor para abertura de *campos inventivos*, e a importância da propriedade intelectual negra no sentido artístico e patrimonial.

Segundo a artista Carol Barreto: “o conceito de ModAtivismo, abarca modos decoloniais de encadeamento entre formas de pensamento e ação, resultantes de processos criativos e produtivos respeitáveis à diversidade cultural e, por consequência, horizontais”. Abrindo assim perspectivas, para “além de” num fluxo de pensamento sobre a compreensão fenomenológica atribuída a autoridade de um indivíduo, a uma coletividade e que ao mesmo tempo extrapola

conceitos da cultura e da arte. Voltando a dimensão do conceito *trans-existencial*, a coleção *colaborativa modativismo: uma experiência de ensino-aprendizagem em moda afro-brasileira*, por exemplo, pode ser entendida como uma referência de criação artístico-ativista que se recria de forma extemporânea a realidade.

E tão-somente por se manifestar, as peças de vestuários construídas por Alice Pinto, Andreza Manuela, Bruna Velame, Camila Nut Nansu, Deise Nascimento, Eliana Maria, Jamile Barboza, Jarimara Costa, Leila Azevêdo, Lidiane Lima, Mahylle Santana, Marta Santos, Nanci Meire, Paula Milena, Selma Maria, Verônica do Desterro e Victoria Pitta, se personificam em sentido transfigurado a um ato *fenomenológico*, ganhando sentido autoral. A força que carrega o reconhecimento autoral ou a menção da autoridade ligada a um ato criativo, mantém vivas as estruturas que dimensionam os saberes e fazeres, e ultrapassa as barreiras do simples ato de vestir, ou da roupa como meramente um objeto utilitário, configurando-se como um dos elementos fundamentais da base da patrimonial afro-brasileira.

Alice Pinto

Andreza Manuela

Bruna Velame

Camila Nut Nansu

Deise Nascimento

Eliane Maria

Jamile Barboza

Jarimara Costa

Leila Azevêdo

Lidiane Lima

Mahylle Santana

Marta Santos

Nanci Meire

Paula Milena

Selma Maria

Verônica do Desterro

Victoria Pitta

Alice Pinto, mulher preta, do Candomblé, moradora do bairro Engenho Velho da Federação, Salvador- BA, é empreendedora e responsável pela marca Tons da Terra. Desde a infância ligada aos traços da arte e confecção, pode-se dizer que na genética de Alice o têxtil se complementa com o axé herdado de berço. Ela comenta: “Minha mãe é costureira, mas eu a considero uma grande designer”.

Ao lembrar da sua história com a máquina de costura, a artista cria um laço entre carreira e sua relação materna: “eu nasci com isso, eu cresci com isso”. A moda faz parte da sua essência e, para a artista, a sua família é uma grande escola, onde aprendeu tudo que sabe e pontua abertamente: “não sou formada, mas eu me coloco como uma grande estilista, por todo esse conteúdo adquirido desde a infância com a minha família.”

Em “A força da terra”, nome da sua obra para o curso, Alice Pinto confecciona no imaginário do elemento barro: “quando eu desenhei a obra, eu quis retratar essa força tomando conta do corpo”, numa narrativa nos tecidos que evocam a renovação e a liberdade como expressão, complementa Alice com a mesma força da sua matriz angolana: “Eu sou filha de Kavungu”. Ligada aos processos decoloniais, a obra é a própria comunicação e o elo de respeito a sua origem.

ALICE PINTO



Andreza Manuela, recém formada em Design de Moda, efetua trabalhos de criação e desenvolvimento de peças de vestuário feminino. Desde a infância ligada ao imaginário da indústria, hoje se vê encarando a desconstrução e, comenta sobre seu processo: “tenho entendido cada vez menos a moda de forma técnica e cada vez mais artística. Qualquer traço, qualquer peça, é resultado de muita pesquisa em vários universos”. Com experiências na indústria têxtil sempre desejou expressar, enquanto mulher preta, vestuários em forma de posicionamento político.

Na obra de Andreza são usadas matérias primas, como algodão cru e barbante para ressignificar um símbolo de poder que se originou na Europa e que ainda hoje é utilizado para impor respeito ou credibilidade para quem o veste - o paletó. Atenta em transmitir o significado da peça, a artista usa o ambiente, a história do material escolhido e diretamente sua cultura, pois o algodão em tempos escravagistas era tido como ouro branco e fonte de dor e opressão para os povos escravizados. Ela complementa: “utilizei de manifestações do cotidiano social dentro de um recorte do meu ambiente espiritual para representar um pouco da minha história e da minha força vital”.

Coerente com a sua narrativa religiosa e social, Andreza pesquisa tecnologias de desconstrução e conseqüentemente a reconstrução da alfaiataria. Todos os recortes, são pensados e conceituados pela artista que saiu da zona de conforto para modificar as estruturas naturais da peça. A nova peça de alfaiataria fala por si só.

ANDREZA MANUELA



Bruna Velame é uma mulher negra que tem presente na sua narrativa a costura e o design. Começou na infância quando acompanhava a sua avó na mesa de casa, cortando os tecidos para confeccionar roupas. Mestranda em Desenho e Cultura-UEFS e Pós-graduanda em Docência do Ensino Superior - SENAC SP, é graduada em Moda pela Universidade Salvador (2015) e Graduada em Desenho industrial/Programação Visual (2013) na Universidade Federal da Bahia.

A artista fez da sua casa uma extensão do atelier e do seu estilo de vida natural, entre hortas, peneiras e tapetes feitos à mão, seu lar é sua identidade e trouxe tudo isso para sua peça final. O processo de construção da “Bolsa Peneira” foi algo desafiador, comenta Bruna: “o ato de criar, a partir do que tinha disponível em casa, não me limitou, muito pelo contrário, expandiu a criatividade e permitiu chegar ao produto final, que na minha opinião ficou lindo”. A peça da designer é tipicamente baiana, relacionada com a simplicidade e potência da cultura, com elos criados pela materialidade da peneira. De forma criativa Bruna se recolocou no centro da Feira de São Joaquim com a autenticidade da sua marca pessoal e da sua criação referenciada pela cultura afro-baiana.

BRUNA VELAME

Camila Nut Nansu é mulher negra, mãe solo, artesã e designer. Atualmente é estudante do curso de História da Universidade Federal da Bahia. Nascida na década de 90, criada em Salvador-Ba, no bairro do Pau Miúdo, somente pela sua mãe, com a ajuda da família materna, muito cedo começou a trabalhar com artesanato e na área da confecção, para custear os gastos com seus estudos. Camila é em si o símbolo da presença materna e da luta de muitas mulheres baianas. No final do ensino médio pelo SENAI/BA fez o curso Técnico em Vestuário e logo após, ingressou em Design de Moda e se formou aos 20 anos. Após o distanciamento na área, Nut Nansu retorna ao processo criativo na busca de, através dele, sustentar sua filha e o lar. Entre faculdade, filha e produção, tenta aprimorar seu conhecimento para dar maior identidade aos produtos que desenvolve.

Para o curso, a artista construiu um vestido longo a partir de uma cortina que está na família materna há mais de 50 anos e que fez parte da decoração da casa da sua avó para casamentos de familiares: “tinha planejado fazer um colete longo com parte dessa cortina e com um centro de mesa também herdado na família, mas depois da aula de orientação, decidi utilizar a cortina inteira e criar só uma peça”, comenta a artista. A peça é a própria memória afetiva construída através dos laços maternos, que foi ganhando, pelas inserções artísticas, uma nova roupagem da identidade familiar. A obra intitulada “Iyanrin”, é uma peça que representa a leveza, sinuosidade e as mudanças radicais ao longo do tempo.

CAMILA NUT NANSU



Deise Nascimento, tem 28 anos, é neta de costureira e, desde pequena já comentava que, quando crescesse seria estilista para fazer roupas lindas e deixar as pessoas bonitas e elegantes. Em 2013 fez o curso na área de Vestuário no SENAI/BA onde começou a estagiar na mesma área. Começou a desenvolver sua carreira no vestuário infantil, depois na indústria de moda praia, onde se especializou. Hoje é instrutora de corte e costura e empreendedora no seu pequeno atelier de moda praia.

Para o curso, a artista desenvolveu uma obra acompanhada da memória da sua avó: “lembrei da minha infância brincando com os retalhos dela, fazendo roupas de boneca”, comentou. Deise construiu um vestido a partir do gosto da matriarca da sua família: “eu fiz esse vestido como se ela estivesse viva e fosse usar para alguma ocasião especial”, concluiu.

DEISE NASCIMENTO



Eliana Meneses, soteropolitana, nascida no bairro da Liberdade, negra, filha de Edelzuita Maria de Menezes que além de mãe solteira, através da costura, criou todos os seus 4 filhos. Formada em Design de Moda pela Faculdade da Cidade, atualmente desenvolve trabalhos no seu atelier.

Criativa, desde cedo se viu na responsabilidade de ajudar nos custos da casa: “sempre fui aconselhada a trabalhar para ajudar a família e, ainda na infância, aprendi com minha mãe a bordar e fazer trabalhos manuais, onde já participava e arcava com alguns custos das despesas domésticas”, comentou, ao lembrar da sua infância ligada às dificuldades e muita força de vontade: “como mulher, negra e nordestina, era vez por outra desacreditada porém, cada “não”, fortalecia ainda mais a minha crença no meu potencial e no desejo ardente em atingir todos as minhas metas e objetivos”. Daí por diante, já dona da sua própria confecção, passou a desenvolver trabalhos criativos de estamparia, costura e modelagem de peças: “comecei a desconstruir peças e aplicar várias técnicas criativas, onde pude vivenciar a realidade do que até ali eram apenas meus sonhos”.

Para o curso, a artista desenvolveu uma roupa ligada à sua ancestralidade, traçada em crochê com tons de azul e branco, perpassando pela sua comunicação familiar e de axé: “é a força, é a mansidão, é a dança das águas de Yemanjá”, define a artista.

ELIANA MARIA



Jamile Barboza é uma mulher preta, afro-empREENDEDORA, criadora da marca Capulana Modas, CEO do Instituto Yabás do Nosso Tempo, Pedagoga, Especialista em Coordenação Pedagógica e mestre em Gestão Social pela UFBA. A sua experiência com moda e arte é numa perspectiva do afro-empREENDEDORISMO, onde efetua trabalhos em gestão, produção e criação.

Para o curso, ela desenvolveu um processo de leve reconexão com sua ancestralidade afro-brasileira. Sobre o desenvolvimento da peça, Jamile comenta: “na caminhada da busca, pensar o conceito, o encontrar, definir e ver nascer a minha obra, pra mim foi uma das melhores experiências que eu já pude viver nesse universo da moda e da arte.” A obra foi construída a partir de uma toalha de mesa que pertenceu à sua avó, reforçada pela memória afetiva da artista pelo território do recôncavo da Bahia: “o nome que eu daria a essa peça é Colo de Vó, porque foi em um momento crucial que tive contato com a peça. A construção dessa obra para mim significou o aconchego da minha avó”, concluiu a artista.

JAMILE BARBOZA



Jarimara Costa tem no seu percurso o encontro com a Psicologia, Comunicação Social e o Design de Moda. Como mulher preta, afirma sua potencialidade e suas raízes nas suas confecções: “a moda para mim, é o fortalecimento da minha ancestralidade, é saber o meu lugar de pertencimento” define a artista, que sempre se viu na busca pelo conhecimento atrelada a sua ancestralidade como força propulsora.

Para além da moda comercial, a artista se encontra no campo autoral e reconhece o prazer de atuar nessa área: “hoje compreendi que a moda faz parte da minha vida e fortaleceu esse sentimento ainda mais com a minha participação nesse curso”, comenta ao lembrar das aulas ministradas por Carol Barreto durante o curso. Entre o aconchego e o amor pelas suas memórias e traços familiares foi dado o nome da sua peça – “Acalanto”. Uma confecção que é uma homenagem à sua família em cada fuxico construído pelas mãos da artista e da sua avó, materialidade que é pura poesia.

JARIMARA COSTA



Leila Azevêdo tem 23 anos e cursa Artes Plásticas na Universidade Federal da Bahia. Desde a infância, ligada aos processos artísticos e já compreendendo as relações entre arte e moda, se vê encantada pela área de criação. A artista pontua: “acredito que moda e arte andam juntas, sempre. Sou apaixonada por moda e estou tentando transpassar minhas vivências no meu bairro e cidade, através do meu trabalho visual”, comenta.

Atrelada às histórias e ao contexto dos territórios onde passou, Leila cria a obra intitulada “Travessia”, que é ancorada por símbolos de gerações familiares. A peça foi criada a partir de uma base têxtil branca, unindo as 3 gerações em uma composição de elementos como: figas, fuxicos e miçangas doados por familiares da artista. Unindo as relações de memória de sua avó, da mãe e da própria artista e feliz com o resultado, Leila concluiu: “sinto prazer em criar conexões entre a arte e a moda.”

LEILA AZEVÊDO



Lidiane Lima, mulher negra, Ebomi de Yemanjá, já participou de cursos de moda e confecção e, na sua trajetória, os percursos sempre estiveram ligados à moda de axé e suas comunicações com as águas. Desde criança, ambientada pelo corte e costura e ligados à sua religião, viu a oportunidade de realizar trabalhos e ajudar no sustento da casa. Nas produções de vestimentas sagradas, se vê com grande talento de berço: “ainda que de modo simples, mas são costuradas por minhas mãos”, pontua a artista.

Para o curso, Lidiane desenvolveu seu trabalho como uma imersão nas forças das águas: “criei uma peça falando da minha história e da minha orixá”, comentou. Com o uso de têxtil branco, produziu um pano da costa com símbolos bordados pela mesma: “é o tecido que protege o ventre sagrado das mulheres no candomblé”. A obra, intitulada “Manto D’água”, é um retrato de amor pelos caminhos apresentados por Yemanjá para a artista, sussurrando com as ondas calmas o aconchego materno.

LIDIANE LIMA



Mahylle Santana tem 26 anos e desde criança é amante da moda. Seu primeiro trabalho com confecção foi construído a partir do curso proposto pelo Modativismo e sua obra “Mulheres D’água” foi desenvolvida através de pesquisas realizadas pela mesma. Desde o começo das aulas já expressava a alegria com a oportunidade proposta pelo Modativismo.

As vivências e contextos sociais que enfrenta passam a ser a própria Universidade para milhares de mulheres Trans*, pretas e periféricas como Mahylle: “nunca trabalhei ou atuei na área de moda e, apesar de amar a moda, é a primeira vez que faço um curso na área”, comentou a artista. Sobre a sua obra, a artista se viu na responsabilidade de pesquisar e construir todo o processo criativo da peça, enriquecida de ideias e pela sua ancestralidade. As peças, pela visão da mesma, retratam as lavadeiras: “resolvi montar o conjunto que além de ficar lindo me lembrou as mulheres guerreiras e empoderadas”, conclui.

MAHYLLE SANTANA



Marta Santos é uma mulher negra, empreendedora, mãe de uma filha, casada e evangélica. Valoriza nas suas confecções sua raiz e cultura, desenvolvendo a diversidade nas suas peças. Através de reflexões e inspirações, a obra “Força Vulnerável” atravessa a realidade da artista, entre isolamento social, superação, força e suas pesquisas sobre as técnicas da alta costura.

Criativa, desde a infância e com cursos de formação na área do Design, a artista se motiva pelo diferente, trazendo para sua marca pessoal a valorização das suas idéias, bastante motivada pelos desafios e metas que deseja alcançar. Com graduação no campo de Design de Moda, experienciou trabalhos na gestão de ateliers de moda em Salvador - BA e, desde 2020, se vê na prática da criação e elaboração da arte. A peça elaborada para o curso, foi inspirada no cotidiano e nas suas observações do mundo pandêmico que a cerca. Foi construída a partir dos têxteis: talagarça e acquablock, que são usados para confecção de tapetes domésticos. A peça criada tem cortes retos, mangas borboletas, costa nua com recortes princesa no busto, usando a modelagem plana, foi inspirada na Coleção Linhas Vivas de Carol Barreto.

MARTA SANTOS



Nanci Meire, oriunda de Salvador - BA, é Designer de Moda e vem desenvolvendo suas habilidades artísticas como produtora de moda, figurinista e produtora artística. Desde a infância ligada ao poder feminino e a ancestralidade, desenvolve projetos que direcionam os trabalhos aos seus traços de raiz afro-brasileira.

Para o curso, desenvolveu a obra intitulada “Deusa do meu Eu”. Com inspirações voltadas à sobrevivência em tempos pandêmicos, a peça é tida como uma oração para a artista: “para mim foi muito mágico me sentir capaz de criar e desenvolver algo que me veio como inspiração em sonho, em meio a pandemia vivendo tempos difíceis, passando por vários momentos difíceis ou sem vontade de fazer nada, conseguir ter criatividade e produzir algo é muita força de superação”, comentou. A indumentária conta com tramas em corda de sisal, bijuterias em crochê branco, e um adereço de rosto idealizado pelas pesquisas costuradas por Nanci, acerca das afro-brasilidades e o contexto da pandemia.

NANCI MEIRE



Paula Milena sempre se viu atravessada pela moda e pela arte. Tem 35 anos e nasceu no Sertão da Bahia (Conceição do Coité), onde efetuou trabalhos como costureira em ateliers de confecções de roupas. Formada pelo BI em Artes e graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo, pela Universidade Federal da Bahia, vive o paralelo entre moda, arte e arquitetura. Artesã autodidata, trabalhou desde cedo para custear os gastos da sobrevivência na capital: “permaneço, enquanto em paralelo, tenho tentado retomar meu caminho na moda e na costura”, comentou. A artista múltipla, pesquisa academicamente a moda como forma política de aquilombamento e resistência também em vários outros campos.

Para o curso, desenvolveu a obra intitulada “Saia Gaia”, construída com retalhos de tecidos que no corpo se transmuta pela versatilidade dos moldes. A artesã comenta que não tem um jeito correto de usar a indumentária, a própria se comunica com o corpo. Sobre o processo da construção da obra ela comenta: “eu senti um mistério de insegurança, porque eu tinha medo de como era estar nesse lugar de criação de uma peça conceitual ainda mais que, há muito tempo eu não costurava. Foi uma sensação de alívio, de tudo que tava emaranhado aqui dentro, por conta dos últimos acontecimentos, todo esse sistema de insegurança, de apreensão diante desse momento de pandemia, de tantas perdas e ao mesmo tempo de tantas aflições.”.

PAULA MILENA

Selma Maria é candomblecista, começou a desenvolver seus estudos sobre corte e costura em um curso oferecido pela Casa de Òsùmàrè, que segundo a artista: “ foi um curso que me tirou de uma quase depressão e fez eu gostar muito mais do que faço a cada dia”. Entre moda e axé, a confecção é que dá o sustento da sua casa.

Para o curso, a artista reconstruiu o Eketé, tendo como base o pano de mesa herdado de sua avó, com tramas em palha da costa. Uma peça que guarda grande respeito para a artista e adeptos do Candomblé: “eu aprendi muito mais com o curso, pensei no material e na peça com muito respeito”, comentou Selma.

SELMA MARIA



Verônica do Desterro é uma mulher negra, mãe, avó, suburbana, artesã e arte educadora em Salvador - BA. Tem experiência com arte educação voltada pra crianças e adolescente negros e trabalha com criação de figurinos e fantasias. É uma multi-artista, que desenvolve projetos também ligados à área de performance, dança e teatro.

Para o curso, ela desenvolveu uma reconstrução do jeans, com o uso de outras materialidades como o crochê e intervenção do tie dye: “a calça jeans para mim representa a classe trabalhadora, o tecido de resistência” comentou ela, ao lembrar da mobilização de emoções para a construção da peça: “senti uma grande satisfação de estar desconstruindo uma peça e construindo outra”, explica.

A obra recebe o nome de “Saia Todes”, por se tratar de uma peça que contempla vários corpos; Verônica compreende que a estrutura social que determina os gêneros e prescreve as normas, se faz necessário repensar. A moda para Verônica vai além do tecido e dos moldes: “é pensamento crítico: moda como instrumento que mobiliza emoções e sensações”, concluiu.

VERÔNICA DO DESTERRO



Victoria Pitta é graduanda em Licenciatura em Desenho e Plástica na UFBA e, no ano de 2015, decidiu abrir sua pequena empresa de costura com o nicho de produção de *necessaires*, toucas e artigos infantis, tendo com sua mãe como sócia. Sua história com costura é bem antiga, foi incentivada desde criança vendo os trabalhos manuais da sua família. Se autodenomina enquanto “costureira criativa”, por desenvolver projetos diversos na confecção.

A peça intitulada “AMAR”, está relacionada com sua ancestralidade familiar, onde a designer buscou inspiração nas histórias das suas três avós e seus traços culturais ligados ao mar. A obra é um processo de resgate às origens e: “a peça final transmite todo o amor que senti ao construir a obra, amor por minhas avós, pelo mar, pelo trabalho manual, como o bordado, costura, crochê que me foi ensinado por elas, pela minha ancestralidade e foi um resgate do meu EU”, comentou.

A peça, para a artista, traz a sensação de fluidez das águas, no movimento das memórias afetivas, com retalhos de tecidos do atelier e uma colcha doada pela Tia Lucinha. O maxi casaco, “AMAR”, é sobre movimento de vida.

VICTORIA PITTA

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é Interseccionalidade?** Coleção Feminismos Plurais. Editora Letramento, 2018.

BARRETO, Carol; ROSA, Laila. — **Falando em línguas:** Artevismo como forma de produção de conhecimento feminista. In: GROSSI, Miriam; BONETTI (Org.). Caminhos feministas no Brasil: Teorias e Movimentos Sociais. Florianópolis (SC): Tribo da Ilha, 2018.

BARRETO, Carol. **Passado, presente e futuro ecoando no atlântico sul:** conexões entre arte e ativismo. Edição 2018, ano 15, XIV ENECULT- UFBA. V.1, 2018. ISSN 2318-4035.

BARRETO, Carol. Modativismo como pratica insurgente para pensar o dia internacional da mulher. Carta Capital. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/fashion-revolution/modativismo-como-pratica-insurgente-para-pensar-o-dia-internacional-da-mulher-negra/>>. Acesso em: 01 de julho de 2021.

COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within:** a significação sociológica do pensamento feminista negro. Soc. estado. [online]. 2016, vol.31, n.1, pp.99-127. ISSN 0102-6992.

CURIEL, Ochy. **Descolonizando el feminismo:** una perspectiva desde América Latina y el Caribe. Coloquio Latinoamericano sobre praxis y pensamiento feminista, Buenos Aires, 2009.

CHATAIGNIER, Gilda. **Fio a fio:** tecidos, moda e linguagem. São Paulo: Estação das Letras, 2006.

DICIONÁRIO, Priberam. Prefixo “trans”, in **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/trans>>. Acesso em: 01 de julho de 2021.

FELIPPI, Vera. **Decifrando Rendas:** processos, técnicas e histórias. Porto Alegre: Ed. da Autora, 2021.

HAMPATÉ B, Amadou. **A tradição viva.** In: Ki-Zerbo, J. (org.) História Geral da África. Metodologia e pré-história da África. Vol 1. São Paulo: Ática/UNESCO, 1982. p.158.

NEGREIROS, Hanayrá. **O AXÉ NAS ROUPAS:** indumentária e memórias negras no candomblé angola do Redandá. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

REIS, João J. **A greve negra de 1857 na Bahia.** Revista USP, n. 18, 1993.

REZENDE, Marcos (org). **Mulheres de Axé.** Editora: Kawo-Kabiyesile. Salvador-BA. 2013

CAROL BARRETO

Criadora do projeto ModAtivismo, Carol Barreto é Artista Visual, Designer de Moda Autoral, Professora do Departamento de Estudos de Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia. Oriunda de Santo Amaro da Purificação – BA, trabalha com a relação entre Moda e Ativismos Feministas e Antirracistas, construindo um trabalho de visibilidade internacional nas passarelas de Dakar - SEN, Paris - FR, Luanda - AO e galerias de arte em Chicago – EUA, Toronto – CA, Nova York – EUA, Cidade do México - CDMX, Salvador –BA, Rio de Janeiro - RJ e São Paulo – SP, além de atividades de circulação de sua obra em Recife – PE, Fortaleza – CE – BR, Bogotá – COL e Williamsburg – VA – EUA. Assinou o figurino do filme sobre Lina Bo Bardi, do artista inglês Isaac Julien, e do Musical ‘Brasilis: Circo Turma da Mônica’, sobre Diversidade Cultural Brasileira, em turnê nacional. Foi professora das graduações em Design de Moda por 06 anos e assinou como colunista de moda e membra do Conselho Editorial da Revista RAÇA, por 04 anos.



PRÊMIO ANSELMO SERRAT DE LINGUAGENS
ARTÍSTICAS PREMIAÇÃO ALDIR BLANC BAHIA
FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS

Coleção colaborativa modativismo:
uma experiência de ensino-aprendizagem
em moda afro-brasileira / Autoria: Carol Barreto
ISBN: ISBN 978-65-00-23723-8

Textos / Carol Barreto, Carla Calixto,
David Santos e Juci Reis

Curadoria e coordenação / Carol Barreto e Juci Reis

Colaboração institucional / Flotar Programa

Projeto gráfico, editoração e diagramação /

Zulmira Correia e Harmonipan Editions

Transcrição das entrevistas / David Santos

Revisão Ortográfica / Carminha Barreto

Desenvolvimento e edição do site / Ben Cohen

Fotografia / Roque Boa Morte

Modelos / Bixho do Sol, Carminha Barreto,
Iasmin Melo e Laís Lima

Acessórios Coleção Colaborativa / Ju Fonseca

Artistas integradas na Coleção Colaborativa /

Alice Pinto, Andreza Manuela,
Bruna Velame, Camila Nut Nansu,
Deise Nascimento, Eliana Maria,
Jamile Barboza, Jarimara Costa,
Leila Azevêdo, Lidiane Lima,
Mahylle Santana, Marta Santos,
Nanci Meire, Paula Milena, Selma
Maria, Verônica do Desterro
e Victoria Pitta

Apoio financeiro /

Projeto contemplado no Prêmio
Anselmo Serrat de Linguagens
Artísticas, da Fundação Gregório
de Mattos, Prefeitura Municipal
de Salvador, por meio da Lei de
Emergência Cultural Aldir Blanc,
com recursos oriundos da Secretaria
Especial da Cultura, Ministério do
Turismo, Governo Federal.

Apoio financeiro /

FGM Fundação
Gregório de Mattos

Secretaria de
Cultura e Turismo



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

